

VENTOS DO SUL

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

20-1-59

Naquela tarde, quando eu estava sozinho, e por mais de três ou quatro motivos mergulhado em cogitações melancólicas, veio-me uma brisa do-sul, e trazida por este inesperado sopro de bonança o professor Eduardo Faraco, da Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre, que trazia uma apresentação de Fernando Carneiro, e que vinha ver em que ponto andava meu coração, isto é, o músculo, o fatigado e meio deteriorado músculo que há sessenta e três anos vem cumprindo fielmente as regras de sua mecânica. Não sei se nos exames que fez, tão minuciosos e pacientes, o sábio professor descobriu o estado em que se acha o outro coração, o símbolo da amizade e do amor. Na dúvida, sinto-me obrigado a dizer que sua passagem fulgurante por minha casa naquela tarde cinzenta e triste, fez um grande bem ao outro coração antes de trazer alguma contribuição preciosa para a recauchutagem do músculo. A impressão que me deixou esta visita, somada às dedicações que por aqui encontrei, é que estou sendo mais bem tratado do que o rei da Inglaterra, ou do que o Papa. Pedi a Deus o favor de reproduzir no céu, apesar de sua óbvia inutilidade em tais circunstâncias, aquelas cenas de amizade e medicina.

No dia seguinte, não sei se por efeito do mesmo vento do sul, recebo uma carta de Erico Veríssimo e uma cópia do discurso que fez, como paraninfo, à turma de moços do Colégio Batista de Pôrto Alegre. Depois de discorrer sobre a desumanização da moderna civilização, o grande romancista gaúcho chega a esta conclusão: "A vitamina — digamos assim — cuja carencia mais concorre para a debilidade do organismo social, abrindo brechas pelas quais entram os micróbios da guerra, da injustiça, da violência e da intolerância — é o amor. Além da crise econômica, da crise de fé e da crise de caráter, existe hoje em dia uma grande crise de amor". Essa é realmente a grande crise que gera todas as outras: o mundo está doente do coração! E é por isso que produz, no próprio campo da cultura tão grandes, tão caricatas distorções, como por exemplo a cretiníssima competição de satélites artificiais. O resto vem como consequência. É o amor, "l'Amor che muove il Sole e l'altre stelle", que move também as correrias dos homens neste planeta que talvez seja o único habitado em toda a imensidão do uni-

verso. Mas há amor e amor, e conforme ensina Santo Agostinho a cidade que se edifica depende do amor que a faz crescer. "Fecerunt itaque Civitates duas amores duo...".

Como se não bastassem tantos presentes do mesmo bom azimute, no terceiro dia recebo uma carta assinada por Joaquim Pinto Leitão e Theodósio Lorenzon, ambos de Pôrto Alegre, na qual os missivistas dizem "Quiseramos dizer-lhe um mundo de coisas..." e mais adiante, com enorme modestia, resumem tudo numa coisa oferecida às mancheias: amizade, comunhão de idéias e orações.

Obrigado! Obrigado, amigos gaúchos, obrigado! Peço a Deus que vos pague em Graças o bem que me fizestes.